



**NEGRITUDE E PAN-AFRICANISMO DA *PRÉSENCE AFRICAINE*  
À *MENSAGEM*: UM ROTEIRO DA CIRCULAÇÃO DE IDEIAS E  
IMPRESSOS (DEPOIS DE 1945)**

*NEGRITUDE AND PAN-AFRICANISM FROM *PRÉSENCE AFRICAINE* TO  
*MENSAGEM*: AN ITINERARY OF THE CIRCULATION OF IDEAS AND  
PRINTED MATTERS (AFTER 1945)*

*NEGRITUD Y PANAFRICANISMO DESDE *PRÉSENCE AFRICAINE* HASTA  
*MENSAGEM*: UN ITINERARIO DE LA CIRCULACIÓN DE IDEAS E  
IMPRESSOS (DESPUÉS DE 1945)*

Noemi Alfieri<sup>1</sup>

**RESUMO**

Neste texto, traça-se um dos roteiros possíveis da circulação das ideias negritudinistas e pan-africanistas e dos impressos que as veiculavam entre a África e a Europa depois da Segunda Guerra Mundial. Destacar-se-á o papel das revistas *Présence Africaine* e *Mensagem* por entender-se que tais revistas foram representativas dos contrastes e tensões da época, assim como das disparidades geradas pela dominação colonial e as suas consequências em âmbito de produção e fruição cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Negritude, Pan-Africanismo, *Mensagem*, *Présence Africaine*.

**ABSTRACT**

*This text outlines one of the possible routes for the circulation of negritudinist and pan-Africanist ideas, as well as of the printed material that carried those ideas between Africa and Europe after World War II. I focus on the role of the journals *Présence Africaine* and *Mensagem*, considering them representative of the contrasts and tensions of the time, as well as of the disparities generated by colonial domination and its consequences in the context of cultural production and fruition.*

**KEYWORDS:** *Negritude*, *Pan-Africanism*, *Mensagem*, *Présence Africaine*.

**RESUMEN**

*Este texto esboza una de las posibles vías de circulación de las ideas negritudinistas y panafricanistas y las formas en que circularon entre África y Europa después de la Segunda Guerra Mundial, con énfasis para el rol de las revistas *Présence Africaine* y *Mensagem*. Consideramos que estas revistas fueron representativas de los contrastes y tensiones de la época, tal como de las disparidades generadas por la dominación colonial y sus consecuencias en el contexto de la producción y frucción cultural.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Negritud*, *Panafricanismo*, *Mensagem*, *Présence Africaine*.

---

1 CHAM - Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa, [noemialfieri@fch.unl.pt](mailto:noemialfieri@fch.unl.pt)



## **1. Negritude, Pan-Africanismo, revistas: considerações preliminares**

Desde as suas origens, comumente identificadas nos trabalhos sociológicos de W.E.B. Du Bois de meados do século XIX, o movimento Pan-Africanista teve várias correntes e divergências internas, tal como aconteceu com o movimento negritudista, cujos fundadores são geralmente identificados em Léopold Senghor e Aimé Césaire e cujo termo apareceu pela primeira vez no jornal *L'Étudiant noir* (O Estudante negro), impresso em Paris em 1935.

Com o seu antecedente maior no *Congress on Africa* (Congresso sobre África) de Chicago, em Agosto de 1893 (ADI, 2019, p.19) e a partir de *The Study of the Negro Problems* (O Estudo dos Problemas dos Negros), conferência proferida em Atlanta em 1898 no encontro da *American Academy of Political and Social Science* (Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais), Du Bois identificou os problemas sociais que afetavam as comunidades afro-americanas como sendo consequências diretas do sistema escravagista e da sua forma de organização. Depois da *First Pan African Conference* (Primeira Conferência Pan-Africana), que teve lugar em Londres em 1900, o jamaicano Marcus Garvey fundou em 1914, sempre nos Estados Unidos, a *Universal Negro Improvement Association and African Communities League* (UNIA). Garvey (jornalista, ativista e sindicalista) recorria a uma forma de comunicação direta e radical, tanto na promoção do orgulho e do amor negro, como na ideia de luta ativa contra as injustiças raciais. Não se propondo, tal como Du Bois, levar a cabo uma análise sociológica ou histórica, o fundador da UNIA visava concretizar uma mobilização das massas afro-americanas e, de forma mais geral, africanas e afro-diaspóricas, tornando-se o Garveysmo, segundo Hakim Adí, o maior movimento político de africanos durante o Século XX (ADI, 2019).

A França dos anos Vinte também acompanhou o florescer do movimento Pan-Africanista, ainda com a iniciativa e colaboração de Du Bois, que trabalhou para a realização do *First Pan African Congress* (Primeiro Congresso Pan-Africano), que teve lugar em Paris em 1919. Com representantes provenientes da França, dos países africanos, das Caraíbas e dos Estados Unidos, foi neste congresso que se determinaram alguns princípios e linhas de ação comuns, como a ideia de que os Aliados e a Liga das Nações deveriam elaborar um código para a proteção dos africanos e das suas terras, contra a exploração das colónias e do capital, e identificando como direitos fundamentais a educação e a saúde (NDIAYE, 2009). Apesar da cobertura mediática que o congresso e as reivindicações que dele saíram tiveram, não houve reações consistentes por parte dos governos, ao mesmo tempo que surgiram críticas pelo facto de, no congresso, haver uma forte componente europeia. Na realidade, Du Bois esperava que se instaurasse uma base do Pan-Africanismo na Europa, que se concretizaria igualmente na elaboração de uma revista internacional, chamada *Black Review* (Revista Negra), a ser publicada em inglês, francês, e possivelmente espanhol e português (DUBOIS. In: SHARPLEY-WHITING, 2002). Portugal também viu nascer vários jornais cuja origem pode ser reconduzida ao movimento negro entendido como forma de organização política, social e cultural: em Lisboa houve, por exemplo, a publicação de “onze títulos de imprensa negra” no período entre 1911 e 1933 entre os quais destacamos *O Negro*, fundado em 1911. (VARELA e PEREIRA, 2020, p. 7).

Naqueles anos, tiveram lugar vários congressos que foram decisivos na afirmação do movimento, a partir do *National Congress of British West Africa* (Congresso Nacional da África Ocidental Britânica, Acra, 1920), passando pelo Segundo e Terceiro congressos pan-africanos, que tiveram respectivamente lugar entre Londres, Paris e Bruxelas em 1921 e entre Londres e Lisboa em 1923. Da sessão de Londres do Segundo Congresso saiu o *London Manifesto* (Manifesto de Londres), que condenava de forma explícita a atuação dos Estados Unidos no Haiti e o encorajamento internacional para com uma intervenção italiana na Abissínia. O documento encerrava-se com seis exigências: “igualdade racial, autogoverno, direito à educação e liberdade de consciência, propriedade coletiva da terra e cooperação global na base da Justiça, da Liberdade e da Paz”<sup>2</sup>. O teor assimilacionista do manifesto não preocupou as autoridades francesas, pois o que Diagne e Candance reivindicavam era uma igualdade de direitos dentro do próprio sistema colonial e não uma subversão do sistema colonial em si (NDIAYE, 2009).

A realização do Congresso em Lisboa deveu-se à ação de José de Magalhães, representante da Liga Africana, envolvendo representantes de Angola, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, assim com o Ministro das Colónias. O próprio Magalhães afirmou no *Correio de Africa*, órgão de imprensa da Liga Africana, “não ter sido possível realizar essa sessão e que teria apenas acontecido uma conferência com Du Bois, devido à impossibilidade de realizar viagens a partir das colônias de outros membros” (PEREIRA e VARELA, 2020, p.14).

Em finais dos Anos Vinte, a influência do Pan-Africanismo ecoou igualmente na publicação de revistas como *Les Continents* (Os Continentes) e *La Dépêche Africaine* (O Despacho Africano), apelando esta última a uma colaboração entre os estudantes argelinos, tunisinos, indochineses, antilhanos e senegaleses na denúncia das iniquidades às quais, a nível educacional, os seus respectivos países estavam sujeitos (SHARPLEY-WHITING, 2002, p. 34).

Um ano antes da eclosão da Guerra, não podemos esquecer, o historiador trindadense C.R.L. James publicava *The Black Jacobins* (JAMES, 1938), um dos textos fundacionais do que Cedric Robinson definiria, quarenta e cinco anos mais tarde, de “black marxism” (marxismo negro, ROBINSON, 1983), em que o historiador abordava a Revolução Haitiana como a única revolta de escravos bem sucedida na história (“the only successful slave revolt in history”). Para além das divergências ideológicas, nos movimentos literários, artísticos e intelectuais africanos consolidou-se, nesta época, a ideia de que as independências políticas eram imprescindíveis para a libertação económica e social dos vários povos do continente. As artes e a literatura assumiram, frequentemente, um papel militante ao reinventarem, reelaborarem e subverterem as heranças culturais coloniais. Submetendo géneros, aspetos formais e linguísticos à(s) causa(s)

---

2 Nossa tradução do texto original em inglês: “racial equality, limited self- government, the right to education and freedom of conscience, common ownership of land and global cooperation ‘on the basis of Justice, Freedom and Peace” (citado in ADI, 2019).

africana(s), intelectuais, escritores e militantes políticos entendiam colaborar de forma ativa para o desmoronamento dos sistemas coloniais, reconhecendo, ao mesmo tempo, como alguns dos códigos, formas de pensamento e circulações culturais tinham deixado marcas profundas nas sociedades africanas. É nesta ótica, então, que C.L.R. James afirmou ter escrito *The Black Jacobins* (Os Jacobinos Negros), ao conceber a obra como uma ferramenta para as lutas de emancipação dos povos africanos, em um movimento intelectual e epistemológico que já ia, na prática, na direção de contrariar o processo pelo qual toda a História e todas as histórias eram uma variação da História de Europa. Produzem-se, então, histórias (no seu sentido mais amplo) que já não estão passivamente submetidas ao peso da autoridade ocidental, que contrariam a hegemonia que Chakrabarty denunciaria no seu *Provincializing Europe* (Provincializar a Europa):

É que, no que diz respeito ao discurso acadêmico da história - ou seja, a “história” como um discurso produzido no local institucional da universidade -, a “Europa” continua sendo o sujeito teórico e soberano de todas as histórias, inclusive daquelas que chamamos “indiana”, “chinesa”, “queniana” e assim por diante. Há uma maneira específica de todas outras histórias terem tendência a tornar-se variações de uma narrativa hegemônica que poderíamos chamar de “história da Europa”.<sup>3</sup> (CHAKRABARTY, 2000, p.27)

Da mesma forma, os intelectuais e escritores que animaram os círculos da *Présence Africaine* (Paris), da *Mensagem* ou da *Cultura II* (Angola), da *Mensagem* (Lisboa) ou, ainda, de jornais como o *Black Orpheus* (Nigéria) contribuíram para um movimento que atuou, simultaneamente, para a desprovincialização das narrativas europeias e para a realocação, reconstrução e reconfiguração das narrativas africanas. Essas movimentações culturais ajudam-nos, ainda, a perceber a maneira como estas ideias e as lutas pela definição de determinados conceitos se movimentaram como sublinha Frederick Cooper, a nível transatlântico (COOPER, 2016, p. 188-191). São um contributo precioso, ao mesmo tempo, para uma reflexão sobre algumas contradições internas que caracterizaram estas circulações e que fizeram com que, nesta altura, a Europa e a África se moldassem reciprocamente, produzindo distintas formas de entender e interpretar os seus territórios, os seus povos e as suas culturas. Os mecanismos de poder e os desequilíbrios entre os centros imperiais e as dinâmicas de subalternidade às quais estavam sujeitos os territórios colonizados tiveram, por outro lado, consequências a nível do próprio processo de historicização destas redes. A construção de roteiros possíveis acabou a acaba sendo, noutras palavras, profundamente influenciada pelos processos de preservação e circulação dos materiais impressos, pelas condições de acesso às fontes e, enfim, pelos próprios agentes

---

3 Nossa tradução do texto original em inglês: “It is that insofar as the academic discourse of history—that is, “history” as a discourse produced at the institutional site of the university—is concerned, “Europe” remains the sovereign, theoretical subject of all histories, including the ones we call “Indian,” “Chinese,” “Kenyan,” and so on. There is a peculiar way in which all these other histories tend to become variations on a master narrative that could be called “the history of Europe.”

(historiadores, críticos literários, etc.) que reconstróem e contam estas histórias (TROUILLOT, 1995; STOLER, 2009; TRÜPER, CHAKRABARTY, SUBRAHMANYAM, 2015; AZOULAY, 2019, entre outros). Não podemos deixar de considerar, ainda, como a generalizada falta de acesso aos arquivos por acadêmicos e estudiosos africanos perpetua dinâmicas coloniais, dificultando a realização de elaborações histórico-críticas sobre estes mesmos textos por parte de pensadores africanos (MBEMBE, 2002).

## 2. Depois da Segunda Guerra Mundial: da *Présence Africaine* à Mensagem

Em Outubro de 1946, centenas de militantes vindos de toda a África participaram no Congresso de Bamako (no Mali, na altura Sudan Francês), que marcou o nascimento do *Rassemblement démocratique africain* (RDA, Assembleia Democrática Africana) e representou um marco na política africana do Segundo Pós-Guerra, com primeira direção de Houphouët-Boigny (LUBABU, 2007). A nível de projetos editoriais e culturais, a grande viragem aconteceu, sem dúvida, com o surgimento da *Présence Africaine*, cujo primeiro número foi distribuído em Paris e Dakar em Novembro/ Dezembro de 1947 e cuja sede de redação se encontrava na 16, Rue Henri-Barbusse (Paris). O projeto propunha-se, para além de um trabalho geral de difusão e estudo de assuntos relacionados com a vida social e cultural da África, questionar as ambições imperialistas da cultura ocidental (MUDIMBE – 1992).

Não obstante os pontos de contactos que tinha com revistas africanas como *La voix du Congolais* (A voz do Congolês, Léopoldeville, 1945 – 1959, com o jornalista e poeta Antoine-Roger Bolamba na direção e Paul Lomami Tshibamba na redação) ou o *Bulletin de l'Enseignement en AOF* (Boletim do Ensino na AOF, 1913 – 1959), a *Présence* acabou por ter um cariz específico que a distinguiu deste tipo de publicações com as quais partilhou, contudo, colaboradores. Ligada à tradição pan-africanista, a partir dos seus primórdios a revista fundada por Alioune Diop tinha três secções principais: uma dedicada às literaturas africanas (prosa e poesia), uma ao trabalho de africanistas, a terceira a recensões (MOURALIS. In: MUDIMBE, 1992). Constavam do *Comité* do primeiro número, em uma edição que se queria mensal, personalidades como André Gide, Léopold Sédar Senghor, Richard Wright, Jean Paul Sartre, Albert Camus, Aimé Césaire, em um projeto que, inicialmente, não explicitou a sua marca anticolonial e antirracista (se bem que ambas estivessem patentes na própria orientação e nos conteúdos dos textos publicados).

Os anos '50 foram, igualmente, os que viram a intensificação do projeto de Unidade Africana, levado a cabo sobretudo por iniciativa de Kwame Nkrumah. Perante as dificuldades com que se deparava na gestão do projeto de unidade nacional, o futuro presidente do Gana entendia a unidade pan-africana como a única solução perante as armadilhas do neocolonialismo, que começava a substituir a hegemonia e o controlo económico pela hegemonia administrativa do aparato colonial. Depois do apelo à “Positive Action” que levou a cabo no território da

Gold Coast (território hoje parte do Gana, mas na altura colónia britânica), Nkrumah foi preso em Londres em 1950. Em forma de protesto, George Padmore convocou uma manifestação em Trafalgar Square, reunindo estivadores, trabalhadores das obras, estudantes e militantes pan-africanistas. Nos anos seguintes, a ação de Nkrumah fez com que o Gana, com destaque para Acra, se convertesse numa das principais bases pan-africanistas do continente, financiando e estabelecendo no país estruturas de acolhimento para os movimentos nacionalistas e anticoloniais. (BOUKARI-YABARA, 2014).

Ao mesmo tempo, *Discours sur le colonialisme* (Discurso sobre o Colonialismo) de Aimé Césaire, publicado pela primeira vez em 1950 pela Réclame e com reedição pela *Présence* em 1955, marcou várias gerações de intelectuais anticoloniais. Afirmando “«A Europa» é moralmente, espiritualmente indefensável<sup>4</sup>” (CÉSAIRE, 1955, p. 8), o estudioso da Martinica sublinhava a decadência da civilização ocidental na sua incapacidade de resolver os dois problemas fundamentais que a caracterizavam: o do proletariado e o colonial, denunciando como a ideia de missão civilizadora era na realidade um pretexto para a exploração económica dos territórios coloniais. Césaire sublinhava, ainda, como a colonização tinha ao longo dos séculos trabalhado “à *déciviliser* le colonisateur”, pois a ascensão do nazismo teria sido, ela própria, o produto da normalização das violências perpetradas fora da Europa e em contextos coloniais.

A instituição da Alliance of Bakongo (ABAKO, Aliança dos Bakongos), a *Conferência Afro-Asiática* de Bandung (Abril de 1955), o *Premier Congrès des écrivains et artistes noirs* (Primeiro Congresso de Escritores e Artistas Negros, Paris, 1956, com Roma a seguir em 1959) a *I Afro-Asian Writers' Conference* (Primeira Conferência de Escritores Afro-Asiáticos, 1958), a *Conferência Afro-Asiática da Mulher* (Cairo, 1961), a *Conference of the Women of Africa and African Descent* (Conferência de Mulheres da África e Afro-descendentes, Acra, 1960) foram, neste sentido, acontecimentos que marcaram o panorama político e cultural da época: não deixando de reproduzir dinâmicas da guerra fria (nomeadamente no que respeita a consolidação da lógica internacionalista ou o reforço do eixo soviético), foram eventos marcantes e carregados de valor simbólico no imaginário cultural da época.

Tais iniciativas tiveram, obviamente, eco em publicações literárias e na elaboração de textos teóricos. Em 1961, Du Bois e Alphaeus Hunton juntavam-se em Accra para a elaboração da enciclopédia *Africana* (BOUKARI-YABARA, 2019 – p. 164). No mesmo ano, em *Les Damnés de la terre* (Os condenados da Terra), Frantz Fanon aprofundara o discurso sobre a violência nas suas relações como exercício do domínio, denunciando que uma das causas de problemas psiquiátricos junto da população das colónias estava intimamente ligada com o próprio processo de colonização, com a assimilação forçada e a homogeneização cultural que

---

4 Tradução do inglês. Texto original: “«L' Europe» est moralement, spirituellement indéfensable”

este acarretava (FANON, 1961). No caso das dinâmicas causadas pela colonização francesa em África, afirmava Fanon, as dinâmicas sociais e culturais não podiam ser reduzidas ao conceito de dominação, pois os argelinos nada mais seriam, na óptica dos franceses, do que elementos integrantes de uma natureza hostil que, tal como a natureza inóspita do deserto e das feras, precisava ser normalizada. As doenças psiquiátricas eram assim entendidas, por Fanon, como sendo o resultado do processo de dominação, normalização, assimilação e opressão, intensificadas pela guerra de libertação que, quando o livro foi escrito, já estava a decorrer há sete anos.

Um ano depois do surgimento da *Présence Africaine* (que chegou a ser dirigida por Mário Pinto de Andrade, intelectual e ativista anticolonial angolano) começava a ser publicada em Lisboa a *Mensagem – Boletim da Casa dos Estudantes do Império*, ligada à associação criada, por iniciativa governativa, em 1944 e cujo objetivo inicial era o de criar uma consciência comum entre os estudantes oriundos das colónias. Nos seus treze anos de existência, a Casa dos Estudantes do Império (CEI) esteve no centro dos debates políticos e culturais, tendo alguns dos seus animadores um papel de relevo na circulação de publicações dentro e fora do espaço colonial e na fortificação de redes internacionais. Ao pensarmos as circulações da revista após 1945, não podemos deixar de considerar o papel que a repressão governativa exercida pela ditadura salazarista, a nível de vigência de um sistema censório à imprensa, mas também de repressão através da polícia política (PIDE) teve a vários níveis, desde mecanismos de autocensura, até apreensão de manuscritos, originais, prisões e vigilância de autores. A CEI foi, especificamente, sujeita a várias Comissões Administrativas, a infiltrações, ataques, vandalismo e chegou ao encerramento por parte da PIDE em 1965.

Os debates culturais que animaram a associação estiveram claramente influenciados pela negritude, pelos neorrealismos português e brasileiro e pelo movimento surrealista aplicado às realidades da África Austral, não tendo sido, contudo, a receção de movimentos e ideias consensual nem pacífica. Pelo que respeita, por exemplo, às teses de Senghor, referência imprescindível entre os independentistas, na CEI nunca houve um consenso generalizado sobre a validade da sua aplicação ao caso da colonização portuguesa. A partir da conferência proferida pelo próprio Senghor na CEI em Abril de 1957 houve quem, entre os sócios, receasse determinado nível de confluência e permeação das teses do intelectual senegalês com a propaganda salazarista dos anos 50, virada para a mitificação do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, com a justificação e valorização do assimilacionismo cultural que tal apropriação implicava. O discurso do então Secretário de Estado do Governo Francês foi aditado de ser marcado por algum neutralismo não tendo, segundo depoimentos *a posteriori*, agradado os cerca de 50 estudantes que se reuniram para o ouvir. O cargo de que estava investido, conjuntamente com os receios relativamente à ação da PIDE, poderá ter influenciado as atitudes e declarações de Senghor (MARTINS, 2017). Dione (2017) evidencia, por outro lado, que o socialismo de Senghor estava expurgado da luta

de classes e do ateísmo, passando por uma valorização das atividades espirituais através da religião e da criação artística: tais orientações, conjuntamente com o caráter desenvolvimentista das suas políticas, chocavam com as orientações dos ambientes mais politizados da CEI. Tem sido destacado, ainda, o facto de Senghor ter sido um defensor da francofonia mesmo depois da independência, até porque ao longo dos anos '60 as despesas da Universidade de Dakar foram cobertas a 70% pelo estado francês. Isto impulsionou, entre outras coisas, a promoção que o intelectual fez tanto da cultura francesa, como da Senegalesa (ADI, 2019).

A publicação na *Présence* do texto coletivo «Les étudiants noirs parlent» (Os estudantes negros falam) em 1953 e do *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, com a organização de Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade, em Abril do mesmo ano levou, igualmente, a um aceso debate. A este propósito realcemos que, apesar de as ligações entre a *Présence Africaine* e a *Mensagem* serem notórias, ainda não foi realizado um estudo sistemático do seu percurso. As redes culturais que influenciaram os exílios franceses e argelinos de muitos militantes dos movimentos de libertação dos territórios africanos que integravam o domínio colonial português, tais como as ligações de movimentos como, por exemplo, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e FLN (Front de Libération National, Argélia), foram imprescindíveis para a circulação de ideias e impressos na altura. Membros da CEI e líderes anticoloniais de relevo, como Amílcar Cabral, Alda Espírito Santo, Deolinda Rodrigues, Marcelino dos Santos, Mário Pinto de Andrade, Viriato da Cruz, Noémia de Sousa passaram por Paris, num processo de fortificação das redes. A capital francesa foi frequentemente usada, assim, como ponte de passagem para países africanos cuja independência política já tinha sido atingida, que funcionavam de base para as ações.

Redes que associaríamos, de forma quase automática, a Paris e Lisboa são, na realidade, o marco mais visível e mais facilmente documentável (por questões de desequilíbrios coloniais já explicitadas) de circulações de escritores e textos africanos, que utilizavam as “Metrópoles” coloniais como pontos de passagem para a sua difusão fora das fronteiras dos próprios espaços coloniais.

Tal como a *Mensagem*, a *Présence Africaine* foi essencialmente animada por jovens e intelectuais oriundos das colónias africanas. Residentes nas capitais europeias por razões de estudo ou políticas, experienciavam atritos, contradições e paradoxos ligados tanto à vigência do domínio colonial, como a questões culturais relacionadas com a hierarquização de culturas na Europa, reproduzindo tais tensões na produção literária e instituindo conexões transnacionais baseadas na solidariedade e na valorização da cultura negra, africana e afro-diaspórica<sup>5</sup>. Autores

---

5 A tarefa de comparação entre as duas revistas a nível contedístico é dificultada pelas limitações de acesso aos números da revista *Présence Africaine* da época, muitos dos quais se encontram esgotados junto da própria editora, merecendo tal comparação ser aprofundada em investigações futuras. Neste texto apresentam-se, em função disso, principalmente pontos de confluência entre textos literários de caráter ensaístico publicados no âmbito dos dois

que participaram da *Mensagem* publicaram, em várias ocasiões, os seus textos em tradução francesa na *Présence*, como no caso do texto *Des responsabilités de l'intellectuel noir* (Das responsabilidades do intelectual negro), do angolano Viriato da Cruz, discurso inicialmente proferido no Congresso de Roma em 1959 e que integrou o número 4-5 da revista. Pelo que respeita a divulgação da poesia anticolonial e negritudinista, destacamos o número especial da mesma revista sob o tema *Nouvelle somme de poésie du monde noir* (Nova suma da poesia do mundo negro). A seção dedicada à poesia negra em língua portuguesa, com apresentação do poeta moçambicano Virgílio de Lemos, incluiu poemas de António Cardoso, António Jacinto, Luandino Vieira, Viriato da Cruz (Angola), Gabriel Mariano, Mário Fonseca, Onésimo da Silveira e Terêncio Anahory (Cabo Verde), Malangatana Gowenha Valente, Marcelino dos Santos, Noémia de Sousa, José Craveirinha, Rui Nogar, Virgílio de Lemos (Moçambique), Alda Espírito Santo e Manuela Margarido (São Tomé e Príncipe).

Na *Mensagem* disputavam-se, como vimos, questões literárias e ideológicas, a partir da questão da língua. O assunto já era utilizado para questionar a divisão territorial colonial imposta pela Conferência de Berlim, para conceber estados imaginados para além de tais fronteiras, pelo menos desde os anos '50. Exemplo disto era a *Alliance of Bakongo* (Aliança dos Bakongos, ABAKO), associação cultural que, ao lema de “Associação dos Bakongos para a unificação, expansão e defesa da língua Kikongo”, visava a criação de um Estado do Congo central, em que eram incluídos todos os povos de língua kikongo. Se organizações deste tipo visavam propor alternativas às fronteiras coloniais, a exacerbação de questões tribais, com as divisões por elas geradas, era encarada com alguma desconfiança por alguns líderes anticoloniais. Amílcar Cabral, por exemplo, considerava tais divisões fatores exógenos aos futuros estados, tendo o tribalismo a sua origem em Oxford, em Cambridge ou na Sorbonne, onde as pessoas eram educadas para se tornarem “chefes tribais modernos” (SILVEIRA, 2004, p. 39).

Circulações, influências e contactos internacionais estavam explícitos nos textos publicados na *Mensagem* em finais da década de '50, tornando-se ainda mais explícitas quando o crítico Fernando Mourão publicou, nas páginas da *Mensagem* (ano III, número 1, 1960), uma crítica à *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. A importância da antologia, publicada em 1958 em Paris, pela editora Pierre Jean Oswald, não residia unicamente na divulgação dos poemas de Alda do Espírito Santo, Agostinho Neto, António Jacinto, Francisco José Tenreiro, Noémia de Sousa e Viriato da Cruz, com a abertura do volume através do poema *Son número 6* de Nicolás Guillén (ao qual o número era dedicado, enquanto “voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana”). O prefácio de Mário Pinto de Andrade posicionava-se de forma bem explícita contra a “alienação colonial”, ligando a poesia africana às artes performativas e à música e fazendo, ao mesmo tempo, questão de inserir a antologia na tradição negritudinista

---

projetos editoriais, mapeados a partir dos seus registos e reproduções conteúdos no Arquivo PIDE e no Arquivo Mário Pinto de Andrade da Casa Comum/ Fundação Mário Soares.

iniciada por Senghor e Césaire, citados no ensaio de abertura. Curiosamente, facto que acabará sendo uma questão muito polémica a seguir (pensemos, por exemplo, nas posições de Mário António sobre sociedades crioulas e o luso-tropicalismo), Pinto de Andrade citava explicitamente Senghor, falando na ideia das interações entre culturas europeias africanas, nas “civilizações mestiças”. O livro só foi proibido de circular no país por despacho de 20 de Junho de 1962 não conseguindo a PIDE impedir a sua circulação efetiva por não conseguir localizar e apreender os exemplares da obra. A proibição de circulação, conforme verificável nos arquivos da PIDE (ANTT/TT/PT/PIDE/ SR 442/50, pasta 1, NT 2666-2668, folhas 146 - 151), aconteceu na sequência da participação de Mário Pinto de Andrade e da delegação angolana na *Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas* (CONCP) em Casablanca, que chegou a ser noticiada não só em órgãos de propaganda anticolonial, mas também no *Le Monde* de 5/07/1962. Os encontros entre Mário de Andrade e Ben Bella, em vista a fortalecer as ligações entre o MPLA e o FNL, e os artigos que a este respeito foram publicados nas revistas *La fraction Africaine* de 4/08/1962 e na revista *Bohemia* de 17/08/1962 (artigo «¡Fuera el colonialismo de Africa!») também fazem parte do processo, tal como duas cópias do volume de Mário de Andrade *Liberté pour l'Angola*, Maspero, Paris, 1962. Neste último são recolhidos os discursos proferidos pelo primeiro presidente do MPLA nas conferências de Casablanca, Léopoldville (30/10/1961), a conferência de imprensa de Rabat (11(12/1961) e a entrevista com *France Nouvelle*, em Julho de 1962.

A partir de 1961, assistimos à consolidação, na *Mensagem*, de correntes já estabelecidas no boletim ao largo dos anos anteriores, concretizadas em reflexões sobre o papel do associativismo, a arte negra, as iniquidades que caracterizavam a relação “Metrópole/ Territórios Ultramarinos”, a elevada taxa de analfabetismo nas colónias, o Movimento Pró-Universidade de Angola. O artigo, «O problema do ensino universitário em África (apontamentos)», in *Cultura*, nº 8, ano 2, SCA, Luanda, 1960 (págs. 7 e 23) contemplava, por exemplo, uma reflexão sobre a relevância do ensino universitário em África e sobre a existência de universidades no continente, em outros espaços coloniais: Makerere College no Uganda, a Universidade da Rodésia e Niassalândia, a Universidade de Ibadan na Nigéria, o Fourah Bay College na Serra Leoa, Universidade de Dakar, a Universidade de Lovanium em Léopoldville, a Universidade de Elisabethville, a de Astrid no Ruanda. Sublinhava-se, a este propósito, a necessidade de instituir em África um ensino que não fosse “essencialmente europeu”. A *Cultura* noticiará, igualmente, o Colóquio sobre poesia angolana, que teve lugar na CEI em Agosto de 1959.

O Movimento Pró-Universidade é só um dos casos em que se explicita a relação existente entre a revista angolana *Cultura*, impressa em Luanda a partir de Novembro de 1957, e a *Mensagem*, em que nas páginas dos dois impressos se declara, de forma explícita, que esses têm uma ligação factual e ideológica. Esta relação, porém, não se reduzia a iniciativas conjuntas, concretizando-se em uma circulação direta de colaboradores e textos levados,

estes últimos, a Lisboa por Carlos Ervedosa. Antecipando os debates sobre poesia que terão lugar, por exemplo, nas páginas de jornais portugueses e do *ABC, Diário de Angola*, o escritor António Cardoso lamentava a falta de valorização da cultura angolana. “A verdadeira poesia angolana”, afirmava, “anda perdida (ainda a não foram buscar), espalhada na tradição oral de quatro milhões de negros desta imensa e rica terra.” não se devendo reduzir, em virtude do que ele interpretava como um esforço de enraizamento da cultura portuguesa, a ideia de que o continente africano florescesse “aculturado por homens de outro continente”. A questão de concepção da poesia angolana, afirmava Cardoso, não se reduzia a uma questão geracional, mas sim a um comum posicionamento ideológico, que se concretizava na recusa da folclorização de Angola (CARDOSO, 1957, p.7). Na mesma ótica de valorização da cultura local e de fortalecimento da sociedade angolana, Adolfo Maria insistia no papel do cinema para alfabetização da população, enquanto Henrique Abranches sublinhava a riqueza linguística das línguas angolanas (ABRANCHES, 1957), definindo os seus traços fonéticos. Tais posições eram, de resto, muito próximas das de Agostinho Neto em 1960, explicitadas na «Introdução a um colóquio sobre POESIA ANGOLANA», em que o autor e futuro presidente de Angola se queixava, citando Césaire, da “coisificação” da cultura africana (NETO, 1960, págs. 45-51). No mesmo número da *Mensagem* em que se publicava este ensaio, apareciam vários poemas de autores da Harlem Renaissance em tradução espanhola: *Es porque soy negro?* e *Y tu que dirás?* de Joseph Seamon Cotter Junior, *Naves que pasan en la noche* de Paul Laurence Dunbar, *A una muchacha negra* e *Nocturno* de Gwendolyn B. Bennet, *Canto espiritual negro* de Claude Mac Kay. Noticiava-se, ainda, a participação do grupo N’gola Kizomba nas celebrações do Dia do Estudante e uma palestra sobre Jornalismo em Angola, pela escritora Lília da Fonseca.

Importa observar, ao mesmo tempo, que a revista *Cultura* chegou a ter uma “Página de Sá da Bandeira”, “organizada pela delegação da Huíla da S.C.A.”. No nº 5, ano 1 (de Setembro de 1957) foram incluídas – entre outros poemas e ensaios - uma entrevista com o escritor Garibaldi de Andrade, realizada por Acácio Barradas, o ensaio de Leonel Cosme «Importa dar Devida Importância à juventude e a Sociedade Cultural de Angola pode e deve tentá-la» (Andrade e Cosme eram editores e fundadores da editora Imbondeiro) e «Poema» de Henrique Abranches. Isto é relevante na medida em que prova que havia uma circulação literária entre ambientes que nem sempre partilhavam as mesmas perspectivas ideológicas, sendo a política só um dos aspetos – comum peso certamente preponderante – que animava os circuitos das literaturas africanas na época. Cosme, fundador da Imbondeiro, era um opositor do regime salazarista, membro da FUA – Frente de Unidade Angolana tendo, porém, uma perspectiva sobre a independência de Angola bem distinta, por exemplo, da dos intelectuais do ambiente da CEI. Apesar disso, a Imbondeiro publicou muitos autores anticoloniais de relevo (mencionemos só, entre outros, António Cardoso, António Jacinto, Agostinho Neto, Luandino Viera, etc.), associados, porém, a textos portugueses de cariz regionalista ou, ainda, de literatura colonial.

## **Conclusões**

Partindo do pressuposto que um roteiro representa um dos caminhos possíveis da circulação de pessoas, impressos e ideias, as conexões apresentadas querem ser um ponto de partida para pensar as características e os desequilíbrios de tais circulações. Podem, ao mesmo tempo, refletir as dificuldades em mapear alguns dos caminhos que estes impressos percorreram: as ausências revelam a forma em que os arquivos em que os textos são armazenados, preservados e catalogados foram organizados, de acordo com a ideia do conhecimento como produto ou, ainda, testemunhando a utilização do espaço como lugar de exercício do poder (QUIJANO, 2019). Se os caminhos mais acessíveis reconduzem aos centros coloniais, importa realçar a forma em que tais centros foram utilizados, pelos autores africanos da época, como pontes, lugares de passagem entre territórios separados pela dominação colonial ou, ainda, pela instabilidade gerada pela ingerência ocidental na vida política e social dos territórios. Neste sentido, mapear possíveis percursos, tal como evidenciar os vazios e desvios é necessário ao fim de contrariar disparidades e dicotomias que ainda reproduzem uma noção de circulação cultural da Europa para a África, ocultando a influência do movimento de ideias do continente africano para o continente europeu, tal como as formas em que estas ideias foram recebidas, lidas, transmitidas e interpretadas.

## **REFERÊNCIAS**

- AAVV. **Cultura**. Luanda: Sociedade Cultural de Angola, nº 5, ano 1, Setembro de 1957.
- AAVV. **Mensagem**. Lisboa: CEI. Ano III, nº 5/6.
- AAVV. **Mensagem. A Casa do Estudantes do Império (1944-94)**. Número especial. Lisboa: UCCLA, 1994.
- AAVV. Nouvelle somme de poésie du monde noir. **Présence Africaine**: 1966/1 (Nº 57).
- ABRANCHES, Henrique. Panorama das línguas. **Cultura**. Luanda: Sociedade Cultural de Angola, ano 1, nº 4, 1957.
- ADI, Hakim. **Pan-Africanism, a history**. New York-London: Bloomsbury Academic, 2018.
- ANDRADE, Mário Pinto De (org). **Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. Paris: Pierre Jean Oswald, 1958.
- AZOULAY, Ariella Aïsha. **Potential History. Unlearning imperialism**. London – New York: Verso, 2019.
- BOLAMBA, Antoine-Roger. **Esanzo, chants pour mon pays**. Paris: Présence Africaine, 1995.
- BOUKARI-YABARA, Amzat. **Africa Unite! Une histoire du panafricanisme**. Paris: La

Découverte, 2014.

CARDOSO, António. Poesia ou poesia em Angola. **Cultura**, Sociedade Cultural de Angola: Luanda, ano 1, nº 2-3, 1957.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialisme**. Paris: Présence Africaine, 1955.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference**, Woodstock: Princeton University Press, 2000.

COOPER, Frederick. **Histórias de África. Capitalismo, Modernidade e globalização**. Lisboa: Edições 70, 2016.

CRUZ, Viriato da. Des responsabilités de l' intellectuel noir. **Présence Africaine**: Paris, nº 4-5, 1959, 321-339.

FANON, Frantz. **Les damnés de la terre**. Paris: Maspero, 1961.

TENREIRO, Francisco José Tenreiro; ANDRADE, Mário Pinto De (org). **Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Editora Gráfica Portuguesa, Abril de 1953.

HARBI, Mohamed. La guerre coloniale a commencé à Sétif. **Le Monde Diplomatique**: Paris: p. 21, Outubro de 2005.

JAMES, C.L.R. **The Black Jacobins: Toussaint Louverture and the San Domingo Revolution**. London: Secker and Warburg, 1938.

LUBABU, Tshitenge M.K. Naissance du Rassemblement démocratique africain. **Jeune Afrique**. 15/10/2007.

MARTINS. Hélder. **Casa dos Estudantes do Império. Subsídios para a História do seu período mais decisivo (1953 a 1961)**. Lisboa: Caminho, 2017.

MBEMBE, Achille, **The power of the archive and its limits**. Cape Town: David Philip Publishers, 2002.

MOURALIS, Bernard. «Présence Africaine: Geography of an “Ideology”», in V.Y. Mudimbe (org), Valentin Yves (org). **The Surreptitious Speech Presence Africaine and the Politics of Otherness 1947-1987**. Chicago – London: The University of Chicago Press, 1992.

MOURÃO, Fernando. Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa, por Mário de Andrade. **Mensagem**. Lisboa, ano III, número 1, 9 -10 Janeiro de 1960.

MUDIMBE, Valentin Yves (org). **The Surreptitious Speech Presence Africaine and the Politics of Otherness 1947-1987**. Chicago – London: The University of Chicago Press, 1992.

NDIAYE, Pap. Présence africaine avant «Présence Africaine». La subjectivation politique noire en France dans l'entre-deux-guerres. **Revue d'Anthropologie et d'histoire des arts**. p. 64-79, 2009 <https://doi.org/10.4000/gradhiva.1517>

NETO, Agostinho. Introdução a um colóquio sobre POESIA ANGOLANA. **Cultura**. Lisboa: Ano III, nº 5/6, págs 45 -51, 1960.

OLIVEIRA, Mário António de. Uma vasta zona de mestiçagem cultural. **Mensagem**. Lisboa: CEI, p. 41-42, 1962.

PADMORE, George. **Panafricanism or Communism. The coming struggles for Africa**. New York: Roy Publishers, 1956.

QUIJANO, Aníbal. **Ensayos em torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2019.

ROBINSON, Cedric. **Black marxism: the making of the Black radical tradition**. Londres: Zed Press, 1983.

SHARPLEY-WHITING, T. Denean. **Negritude Women**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

SILVEIRA, Onésimo. **África ao Sul do Sahara: Sistemas de Partidos e Ideologias de Socialismo**. Viseu: Associação Académica África Debate, 2004.

SOUDIECK DIONE, Maurice. Les impasses épistémologiques autour de l'object Afrique. MBEMBE, Achille; SARR, Felwine (org). **Écrire l'Afrique-Monde**. Paris: Philippe Rey, Dakar: Jimsaan, p. 119 - 133, 2017.

STOLER, Ann Laura. **Along the archival grain. Epistemic Anxieties and Colonial Common Sense**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past. Power and the production of history**. Boston: Beacon Press, 1995.

TRÜPER, Henning, CHAKRABARTY, Dipesh, SUBRAHMANYAM, Sanjay (org). **Historical Teleology in the Modern World**. London, New Delhi, New York, Sidney: Bloomsbury, 2015.

VARELA, Pedro; PEREIRA, José Augusto. As origens do movimento negro em Portugal (1911-1933): uma geração pan-africanista e antirracista. **Rev. Hist.** São Paulo, n.179, a04119, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9141.rh.2020.159242>